

**DOSSIÊ-ENTREVISTAS:
MERCADO EDITORIAL SOB PERSPECTIVA -
AUTORAS E EDITORAS**

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

A prática de pensar em um dossiê de entrevistas baseando-se em experiências editoriais e suas nuances, a partir da disciplina de Estágio Supervisionado I, mantém-se neste número da revista da Escola de Letras da UNIRIO, a **daGaveta**, propondo uma reflexão: qual o panorama da participação feminina no mercado publicador atualmente? Quais foram os caminhos para alcançar os objetivos a que se propuseram ao mergulhar nesse universo? Para falar sobre o tema, foram convidadas duas autoras e uma editora para conhecer suas experiências, motivações e aspirações.

A autora Ana Elisa Ribeiro comenta sobre sua percepção em relação ao reconhecimento do mercado, sua trajetória no que diz respeito à formação enquanto leitora e como se divide nas áreas de atuação na qual desenvolve seus trabalhos. Explica também, com base em sua produção acadêmica, como ocorreu o apagamento do papel feminino na produção editorial ao longo do tempo além de falar sobre suas propostas para inserção dos conteúdos de editoração no currículo dos cursos de Letras.

No que se refere à figura da mulher como epicentro de uma narrativa, convidamos Claudia Lage, roteirista e autora do premiado livro de ficção ***O Corpo Interminável*** (Record, 2019), para revelar suas motivações e inspirações ao escrever uma história, que se desenvolve no contexto da ditadura civil-militar brasileira, sem apresentar personagens femininas suprimidas somente no papel de escudeiras de seus companheiros. A escritora traz também o panorama sob o qual as mulheres eram vistas no período em que a trama transcorreu e como essa visão ainda permanece arraigada em nossa sociedade.

E para falar sobre a perspectiva de quem trabalha no comando de uma casa publicadora, Maíra Nassif, fundadora da ***Relicário Edições***, nos conta como foi seu caminho até fundar sua própria editora e fala também sobre como as lutas de outras mulheres foram importantes para que o processo de mudança continuasse em frente. Além disso, Nassif compartilha conosco as suas percepções, enquanto

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

editora, sobre os hábitos de leitores após o início da pandemia do Covid-19, no contexto do isolamento social.

por Raquel Guimarães e Jessé Soares



Ana Elisa Ribeiro. Foto: Sérgio Karam

“Escrevo bastante, o quanto posso, pois é esta minha atividade vital. Não paga as contas, mas mantém meus níveis de serotonina razoáveis.” Com mais de 30 livros publicados - sobre poemas, contos, crônicas e até mesmo ficção infantojuvenil -, a professora Ana Elisa Ribeiro, autora da citação do início do texto, também produz artigos e pesquisas. Entre seus objetos de estudo estão projetos que trazem à tona o papel da mulher enquanto editora tanto de livros literários em Minas Gerais quanto sobre os estudos sobre o mapeamento das mulheres que editam em âmbito nacional. E sobre esses trabalhos, como ela mesmo disse: “Não é preciso tirar ninguém; é preciso inserir quem estava lá, mas ficou ofuscada ou à sombra.”

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

Gostaríamos que compartilhasse a sua trajetória profissional conosco. Como foi o seu percurso profissional até ser reconhecida em um mercado de trabalho dominado majoritariamente por homens? Quais foram as dificuldades enfrentadas e como as superou?

ANA ELISA RIBEIRO: Já gostei da pergunta que vocês me fazem e quero começar dizendo que, embora me honre, não me sinto reconhecida pelo mercado de trabalho. Talvez isso represente já minha sensação de que há dificuldades grandes. O que sinto é que me esforço muito para retornos pequenos ou nenhum. Minha percepção talvez seja autoexigente demais, mas é a que tenho sobre os retornos à minha atuação incansável (por enquanto). Não sei direito onde está o começo da minha trajetória profissional porque ela se mistura muito com minha vida. Considero a paixão pela leitura e pela escrita a guia que me levou a qualquer outro lugar. E isso eu já tinha aos 10 ou 11 anos. Eu já era uma pessoa que gostava desmedidamente de ler e escrever, muito fora do eixo em relação a colegas, amigos e parentes, na época. Então achei, desde aquele momento, que deveria investir meus esforços nisso, ainda sem saber direito como. No fim da adolescência, depois de um período intenso e estranho, decidi fazer Letras, que era o curso que parecia se aproximar mais de ler e escrever. Claro que pensei em outras formações ligadas ao prestígio e a outras hegemonias, mas o estudo específico da língua portuguesa me chamava muito a atenção. Eu não queria ser professora, mas achava um encantamento máximo estudar nossa língua e estudar línguas em geral. E isso é a faculdade de Letras que oferece. Minha sorte era morar a alguns poucos quilômetros da UFMG, onde a formação em Letras sempre foi de excelência. Formei-me então linguista, em todos os níveis: graduação, mestrado e doutorado. Como não sou de desperdiçar chances, fiz o bacharelado e a licenciatura, pensando que algum dia poderia precisar dela para ter emprego, embora ser professora da educação básica me parecesse um desafio grande demais para minhas capacidades. A literatura, que já era minha paixão desde juvenzinha, continuou me acompanhando, mas me inseri entre os escritores e escritoras da cidade, do estado

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

e do país. Afastei-me da formação universitária em literatura. Não tinha paciência para algumas coisas e estava mais interessada em escrever, editar e publicar. Meus primeiros estágios e empregos foram em editoras, as maiores que tínhamos aqui em Minas Gerais. Fiz serviço de revisão freelancer por vários anos, na verdade faço até hoje, embora mais espaçadamente. Gosto do texto, de trabalhar nele, de me surpreender com ele. Revisar sempre foi interessante para mim, embora nem sempre eu lidasse com isso diretamente. Nas editoras, atuei na coordenação, na criação, na direção, quase sempre sem a mão na massa do texto. Nunca deixei esse aspecto da minha vida profissional. Tornei-me professora de fato, um dia, devido a muitas circunstâncias, mas me dei a tarefa de sempre atuar pela formação em edição. Vem dando certo, nesse sentido. Nunca deixei de falar em livros, revisão, editoração, etc. Além da experiência como editora em casas que publicaram livros infantis, juvenis, didáticos, paradidáticos, médicos e jurídicos, fui professora em escolas da educação básica. Depois comecei a atuar no ensino superior, em cursos de especialização e, posteriormente, na graduação e pós-graduação stricto sensu. Há 15 anos sou professora do CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais), onde fiz parte de todas as comissões ligadas à criação e/ou implementação de cursos da área de Letras, quase tudo voltado também à formação em edição. É claro que isso não veio do nada. Minha vida na Letras da UFMG reforçou meu encontro com as tecnologias do livro, em especial na formação extraclasse que tive com a prof^a. Sônia Queiroz. Depois tratei de aproveitar todas as oportunidades que viessem. Então considero assim: que minha vida nas letras começou cedo, ganhou grandes reforços quando optei pelo curso de Letras no ensino superior, sofreu o impacto com o fato da formação em edição ser escassa no país, mas transformei isso em uma espécie de missão. Sempre acho que tem mais gente parecida comigo e que as coisas precisam ser feitas para essas pessoas. Tornei-me professora (inclusive do ensino médio), minha profissão é essa, mas meu coração é da escrita, então vivo angustiada, tentando proteger os tempos de produção, criação e edição da loucura que é a vida docente, que incrivelmente pode matar uma escritora. Talvez isso me

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

dê a impressão de que não me levam a sério de lado algum. Tive dificuldades ligadas à vida adulta mesmo, como qualquer pessoa: empregos precários, salários baixos demais para uma mãe de família, depois tornei-me provedora, mãe solo, as necessidades vão ficando mais sérias e concretas. O tempo da gente vai sendo decidido e gerido pelos outros. O estudo vai se tornando luxo. Mas sempre me dediquei muito. Abro mão de algumas coisas que não me fazem lá muita falta e vou investindo meu tempo em ler, escrever, ter ideias, encontrar pessoas legais que possam ser parceiras, implementar coisas interessantes ou que apenas julgo notáveis. Tenho feito um esforço extra para evitar gente tóxica, isso gasta uma energia grande. A superação de obstáculos ligados ao fato de ser mulher num sistema patriarcal, estar numa capital de um país que não parece o mesmo daqueles que acham que são o centro de tudo, etc. Essas são dificuldades que eclipsam qualquer trabalho que a gente faça. Por isso, o sentir-me reconhecida vai ficando para um futuro que nunca sei onde está e nem se estou na direção dele.

É mencionado em seu artigo, denominado “Editora Mulheres, Zahidé Muzart e um caso relevante de edição de livros no Brasil” (2020), que as mulheres, enquanto escritoras e editoras, nem sequer tiveram existência na narrativa histórica. Esse apagamento ainda ocorre no mercado editorial atualmente? Você considera que isso é intencional?

AER: A narrativa sobre as mulheres na edição é lacunar, para dizer o mínimo. Quando elas aparecem, é como se fosse incidental ou com um exotismo que impede um olhar sério sobre o que tenham feito. Sim, a narrativa ainda é falha e o apagamento é grande, então ainda temos muito espaço para trabalhar e produzir essa história. Produzir no sentido de pesquisar, achar essas personagens e tratar delas, para que a história vá se completando. Não é preciso tirar ninguém; é preciso inserir quem estava lá, mas ficou ofuscada ou à sombra. A invisibilidade é uma qualidade curiosa porque ela tem, às vezes, mais a ver com a cegueira de quem

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

olha do que com uma característica do objeto olhado (e não visto). A falta dessa visão tem relação com aprender a ver ou a não ver. Por que uma mulher estava ali, em determinada circunstância, e isso não nos parece relevante? O fato de que ela estava lá simplesmente perde para nossa seleção do que será contado, narrado e visto. O que tenho feito, há alguns anos, é rever, ver com olhos mais abertos, dar relevância às personagens que estavam lá, mas que foram preteridas por qualquer razão. Não é invenção, não é exagero, não é criação. É passar de novo os olhos na cena e reconhecer, estudar, narrar uma figura que foi posta à sombra, ao fundo, de lado. Não vou dizer que esse apagamento seja “intencional”, embora também o passe a ser, claro. Mas posso dizer que faz parte de um modo de ver e de não ver, algo que aprendemos socialmente. Narramos a história de alguém e damos relevo a certos aspectos, não a outros; e nestes “outros” pode haver a presença de mulheres. É preciso pensar que estes aspectos tenham sido considerados “outros” e mesmo desprezíveis justamente porque ali havia mulheres. O tempo todo preciso, eu mesma, que sou mulher, me fazer a pergunta: uma mulher estava fazendo isso porque isso não tem importância? Ou isso não tem importância porque era uma mulher é que estava fazendo? (fazendo, propondo, pensando, projetando, editando, escrevendo, etc.). Enfim... é um círculo viciadíssimo. Vamos tentar desver, rever, contar com as peças que faltavam. E acho que isso tem surtido efeitos... hoje é mais comum ver eventos, chamadas, etc. interessados em editoras, mulheres que editaram e editam. Aos poucos, os olhares vão se abrindo, assim como os espaços de visibilidade. Nem sempre creditam, o que é outro vício de apagar mulheres que fazem coisas, mas é interessante observar algumas mudanças, mesmo que ainda tímidas ou episódicas. Comecei estudando as escritoras, o que é menos invisível, a depender da escritora, mas é uma certa ponta de iceberg. De repente, me dei conta: mas se era tão difícil assim publicar, como estas mulheres conseguiram? Quem estava em suas redes intelectuais? Quem as editava? Eventualmente, outras mulheres editavam mulheres? Porque isso me parecia, de repente, uma tecnologia social. Mas como ter acesso aos meios de edição, antes da informática? E uma coisa foi puxando a outra, sempre em direção ao mais difícil. E havia, sim, mulheres

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

editando mulheres, embora isso tenha relação com segmentos, nichos, como queiram chamar. Acabava virando ou sendo narrado como um projeto feminino ou feminista, o que de novo era posto de lado como algo sem interesse ou algo exótico dentro da cena “universal”. O mercado editorial hoje é muito cheio de mulheres. Impossível contorná-las. E se desviar-se delas for intencional, vai pegar muito mal. Essas percepções se transformaram. A narrativa realmente ficará falha sem elas, daqui a alguns anos. Não sei quais serão ou não serão monumentalizadas... é algo a ver. Como elas serão vistas e em relação a quê ou a quem. Mas hoje temos produzido conhecimento sobre personagens em atuação, que são muito mais numerosas do que antes, certamente. O importante é sempre optarmos por narrar essa liga, esse fio, essa herança, evitando que nós mesmas continuemos produzindo nosso apagamento e o de outras mulheres que já foram apagadas antes e correm o risco de o serem de novo, por meio de processos que nós mesmas, pesquisadoras, queremos evitar, mas acabamos reforçando. Essa mania de dizer que tudo é inédito, inovador e começou agora ou do zero é um desses perigos. Parece novidade porque não sabemos do passado; ou, quando sabemos, optamos por deixá-lo lá, com suas personagens.

Uma das suas propostas para os cursos de Letras é a possibilidade de formatação de conteúdos literários em diversas plataformas – a edição como uma atitude, um conceito e utilizando várias tecnologias. O profissional de Bacharel em Letras passaria a ser visto como Bacharel em Letras e Tecnologias da Edição. Sendo uma profissional já inserida no mercado editorial, como você acredita que isso influenciaria no currículo dos alunos e no ingresso ao mercado como editores?

AER: Isso já existe, não é? Nosso bacharelado no CEFET-MG tem linha de formação em Tecnologias da Edição. Estive envolvida até os ossos nessa proposta, mas não fui eu que inventei essa possibilidade. Ela está descrita nas diretrizes curriculares de Letras há muito tempo. O problema é fazermos isso, abriremos essas

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

possibilidades com mais ênfase nos cursos. É claro que a missão e a tradição de formar professores é forte e tem seu espaço, mas há outras possibilidades bem menos exploradas. Há nisso algum preconceito, mas há também a dificuldade com as competências, a capacidade instalada nos cursos de Letras. A maioria absoluta dos professores e das professoras de cursos de graduação em Letras não tem qualquer experiência editorial. E a formação em edição é uma especialidade, é algo que tem estreita relação com um trabalho e um mercado de trabalho específico, ainda em profissionalização no Brasil, mas antigo e consolidado no mundo. Não dá para simplesmente dizer a um professor que comece a ensinar projetos editoriais ou diagramação. Não é assim. Outra questão é a imensa dificuldade que temos para nos manter ligados e atualizados sobre esse mercado, as empresas, a edição real. Como a maioria dos nossos alunos, nas universidades e nos institutos, atuam em regime de dedicação exclusiva (e isso é ótimo), não conseguimos e muitas vezes nem podemos manter qualquer atuação mais fixa ou real com quem faz edição de fato. Temos a possibilidade dos laboratórios, dos projetos experimentais, claro. Os cursos que ensinam edição costumam ter seus laboratórios, mas sabemos que não é como estar nas demandas reais, embora façamos o esforço de que seja semelhante. A notícia que tenho é que admitir um/a estagiário/a em formação num curso de Letras-Edição adianta bem as coisas. Não é uma pessoa totalmente crua. Muitas vezes são estudantes incríveis, que sabem do que estão falando e querem mesmo aprender a fazer. Temos empurrado isso bem. Editoras e outros tipos de empresa têm admitido nossos ex-alunos e ex-alunas, percebendo, lentamente, que faz diferença o que eles e elas estudaram e testaram na graduação. Outros/as vão seguir a carreira acadêmica e estudarão estes temas, contribuindo para a área no país e no mundo. Há quem saia com o desejo de ser professor/a, então temos a opção do curso de formação de professores, com duração de dois anos, que lhes dá a licenciatura plena. É possível somar tudo. Acho que o curso está de pé e firme não apenas porque fomos alterando o ambiente, congregando professores/as de outras formações e experiências, etc., mas também porque socialmente houve a confirmação de que fazia sentido. O estudante e a estudante que nos procuram

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

hoje, em sua maioria, vêm porque querem esse tipo de formação. Isso muda o leque de opções em Letras, altera a visão que se tem de fora sobre o curso e põe em prática muitas possibilidades que não eram levadas a efeito nos documentos da área, ou o eram apenas incidentalmente. Há muito o que fazer, e nós já começamos.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

por Raquel Guimarães e Jessé Soares



Claudia Lage. Foto: Cristina Lacerda

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

FIRMINO, Danilo. *Et al.* **História Pra Ninar Gente Grande**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sambas/mangureira-2019/>. Acesso em: 13 abril 2021.

O samba enredo da Estação Primeira de Mangueira, campeã do carnaval carioca em 2019, teve como ideia principal mostrar o lado pouco contado e quase esquecido da memória nacional, na qual prevalece a versão dos opressores ante aos oprimidos, após mortes e massacres ao longo dos séculos. Esse passado com predominância masculina em todos os momentos da história brasileira sufocou e, não raro, torturou e matou mulheres que levantaram suas vozes por aquilo que

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

acreditavam. Foi com essa tentativa de apagamento do papel da mulher no passado em mente que a autora Claudia Lage escreveu o livro ***O Corpo Interminável*** (Record, 2019), trama que relata a busca de Daniel, rapaz que busca pela história e origens de sua mãe, uma desaparecida política no período da ditadura civil-militar ocorrida no Brasil entre 1964 e 1985. O livro foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020 e é com inspiração na publicação que fizemos algumas perguntas à autora.

Em um vídeo que apresenta a perspectiva na qual “O corpo interminável” (Record, 2019) é baseada, você diz que “O Brasil é um grande quebra-cabeças que não se conecta consigo mesmo porque a história não é contada toda”. Você acha possível que possamos evoluir, enquanto sociedade, a ponto de montar esse quebra-cabeças e contar essa história, dando voz ao ponto de vista feminino?

CLAUDIA LAGE: Esse é um movimento muito necessário, conhecer as histórias contadas a partir do ponto de vista das mulheres é conhecer uma parte importante desse grande quebra-cabeça. Em relação ao meu livro, conhecer as histórias das guerrilheiras ampliou o meu conhecimento sobre a repressão e como ela foi enfrentada pela militância. As mulheres guerrilheiras eram as mesmas da revolução sexual, da entrada no mercado de trabalho, essas mulheres eram recebidas com violência maior pela repressão e eram vistas com desconfiança pelos companheiros da militância, desconfiavam da sua capacidade e competência, de forma geral eram colocadas como coadjuvantes, e mesmo quando não eram coadjuvantes, era essa a imagem que projetavam delas posteriormente.

A mesma dinâmica e estrutura se repete em outros lugares, outros campos. Quando era adolescente, eu escutava que havia poucas escritoras publicadas

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

porque poucas mulheres escreviam, e a gente sabe hoje que isso não é verdade. A visibilidade é que era restrita para as escritoras. As mulheres que tiveram acesso à educação, claro, sempre escreveram e escreveram sobre tudo. Gosto de lembrar da inglesa Mary Shelley, autora de *Frankenstein*, filha da feminista Mary Wollstonecraft, também escritora e intelectual. Frankenstein é uma obra prima do horror, escrita por uma jovem de 18 anos no século XIX, e até hoje há quem se surpreenda com mulheres escrevendo sobre assuntos que saíam de expectativas domésticas e românticas. Quer dizer, a mulher lutava e continua lutando contra um rótulo limitador e ofuscante que é colocado sobre ela, a sua imagem, a sua atuação no mundo. Recentemente, soube que foi uma mulher que descobriu o processo que a lagarta se transforma em borboleta, essa metamorfose, a alemã Maria Merien, que viveu no século XVII. Além de cientista, naturalista, as suas ilustrações são obras de arte belíssimas.

Dilma Rousseff, uma mulher supliciada justamente no período no qual a história do livro se passa, foi democraticamente eleita e posteriormente apeada da presidência da república num movimento que deu início ao momento em que vivemos. Você considera o fato dela ser uma mulher protagonista e com espírito forte, como visto na famosa foto diante do tribunal militar, um dos fatores para sua saída do posto?

CL: Dilma criou a Comissão Nacional da Verdade, fez algo que não tinha sido feito até então: trazer o passado à tona, romper o silêncio a respeito das violências praticadas na Ditadura pelo Estado, foi um ato de coragem imensa. Se juntamos essa imagem dela com aquela outra de puro horror, do atual presidente elogiando aos brados o torturador Ustra em plena Câmara, diante de Dilma, montamos uma ponta do quebra-cabeça da nossa história. O que Dilma fez foi imperdoável para eles, trazer a verdade à tona, mostrar o horror da ditadura para as gerações mais novas, e fazer isso na cara de quem o pratica.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

Eu comecei a escrever o romance na época da CNV, para mim, como para muitos brasileiros, a ditadura era uma memória que deveria ser resgatada, conhecida, debatida, para que nunca mais acontecesse de novo, só depois, ao ver essa cena aterrorizante na Câmara, e, depois, o fato de o elogio ao torturador não ter resultado em nenhuma punição, nada, e, mais tarde, ao ouvir os pedidos pelo retorno à ditadura nas ruas, que caiu a ficha que não se tratava de uma memória, mas uma ameaça real e presente, que estava bem perto de nós.

Você consegue vislumbrar o retorno de mulheres a papéis de comando após o movimento surgido em 2018, em virtude da eleição, em curto e médio prazo? Quais os avanços, quais os retrocessos para a mulher intelectual, para a escritora no Brasil contemporâneo? Qual a importância de ganhar tão prestigiado prêmio literário para sua trajetória e das mulheres no campo literário?

CL: O futuro parece uma incógnita, quanto tempo levará para tudo que tem sido destruído se erguer novamente? Já tivemos uma mulher presidenta, tivemos uma Secretaria de políticas de promoção da igualdade racial – a Seppir, presidida por uma mulher negra, a ministra Luiza Barros, tivemos uma Secretaria especial de políticas para as mulheres, presidida pela ministra Nicéa Freire. Foram tempos de muitos avanços e esperanças, uma expansão das mulheres em muitos espaços, inclusive na política, na Academia e na literatura. Não dá para mensurar os retrocessos para as intelectuais e as escritoras nos últimos anos, desde os cortes de orçamento até o desgaste físico, emocional e mental, tudo está sendo planejado para o retrocesso e o impedimento de novos avanços nas próximas gerações. Mas, ao mesmo tempo que é desesperador, continuo com esperanças, ainda que feridas, penso que de alguma forma esse ciclo irá passar, toda repressão gera um movimento contrário, de libertação, que em algum momento ganhará mais força.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

Um prêmio importante como o PSP consegue trazer mais visibilidade ao livro e ao autor ou autora, e isso significa mais leitores, maior circulação do livro e a possibilidade de um debate maior sobre a história, a escrita, a criação, a temática. O *Corpo Interminável* fala de histórias silenciadas e pouco escutadas, quando contadas. A narrativa predominante sobre a ditadura era a masculina, o guerrilheiro, o herói, que sacrificou a vida e a família em busca de um ideal, já a guerrilheira era vista como um elemento figurativo, estava na militância como objeto, musa, namorada, mas heroína, nunca. E era julgada e acusada de ter abandonado o lar e a família para a militância política, isso acontecia dentro da própria militância, não apenas na repressão. Por isso, além do reconhecimento da minha trajetória pessoal, um prêmio como o PSP é importante também como reconhecimento dessa voz que emergiu, dessa história, e de uma escrita literária feita por uma mulher dessa voz, ou vozes femininas, e histórias, no caso do meu livro.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

por Raquel Guimarães, Jessé Soares e João Copelli



Maíra Nassif. Foto: Gabriel Augusto

“Preservar e divulgar os saberes e memórias postos em letras e palavras por seus autores”. Seguindo essa premissa expressa já no início da descrição em seu site, a **Relicário Edições** tem como base a preservação da literatura feita por autores nacionais, a tradução de romances e publicações na área de humanidades. Fundada por Maíra Nassif em 2013, a casa editora alcançou, nesses quase 10 anos, relevância e destaque na cena editorial nacional.

Alguma publicação em particular lhe inspirou ou auxiliou na empreitada, ou seja, no desejo de fundar uma editora?

MAÍRA NASSIF: Na época em que fundei a Relicário, eu trabalhava em uma outra editora de livros acadêmicos. Ou seja, meu contato com o trabalho de edição já era algo cotidiano. Não foi uma publicação em particular o que me inspirou, mas a percepção de que naquela editora eu não estava publicando os livros que eu gostaria de ler e até mesmo de trabalhar. Dessa insatisfação me veio o desejo e a

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

ideia de ter minha própria editora, ou seja, um espaço em que eu pudesse deliberar sobre as publicações e trabalhar com meu catálogo de uma maneira mais criativa e autoral. Os primeiros livros publicados foram da área de estética e filosofia da arte, que é a minha área de formação e com a qual eu desejava muito trabalhar editorialmente.

Em um espaço no qual ainda há predominância masculina nos postos de comando, assim como em todo mercado editorial, você teve alguma dificuldade por ser mulher em seu trajeto como editora? Ao longo do tempo, vê alguma melhoria nesse sentido?

MN: Felizmente nunca sofri nenhum tipo de discriminação no mercado editorial (ao menos pelo que eu pude perceber). O que não quer dizer que o machismo não exista em nosso meio e que ele não possa ter atingido outras mulheres. Mas acredito que o fato de eu não ter pessoalmente vivido alguma dificuldade por ser mulher também diz muito das nossas lutas, da nossa persistência em ocupar espaços e em não aceitar mais esse tipo de postura. Nenhuma dessas melhorias vem de graça, mas do trabalho incansável de muita gente que sofreu antes e não aceitou que esses comportamentos lamentáveis se perpetuassem.

No contexto do isolamento social, provocado pela pandemia da Covid-19, no qual as pessoas buscaram fugir da ociosidade após longo período de reclusão em casa, o que você pôde observar, em relação às mudanças, sobre o consumo de literatura?

MN: início do isolamento social, posso dizer que tudo parou: livrarias fechadas, consumo pausado e apenas apreensão. Muita gente, inclusive, estava relatando que não conseguia manter a concentração para ler. Mas depois dos 3 primeiros meses observei que tivemos um aumento considerável em nossas vendas no site e em algumas livrarias específicas. Isso leva a crer que as pessoas passaram a ler

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

mais neste período de reclusão, o que é uma ótima notícia. O tempo que talvez era dedicado aos encontros e à vida social lá fora parece ter sido substituído pela leitura por muitas pessoas. E espero muito que esse hábito permaneça quando tudo voltar ao normal.